
BIOÉTICA: VALORES QUE REPOUSAM NAS ORGANIZAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Bárbara Ambrósio Rodrigues (FABAU)¹

Neusa Maria Ferraz Valdo (FEB/UNESP/FABAU)²

Resumo

Este artigo se fundamenta em pesquisa bibliográfica e tem como objetivo abordar a questão da bioética, da ética empresarial e da responsabilidade social no âmbito corporativo, do mundo pós-moderno. Nesse cenário, o desejo de se construir um ambiente coerente, justo, limpo e estável desloca-se para a incerteza, a insegurança, a injustiça e a inflexibilidade, que ocupam lugares cada vez mais centrais nos modos de vida contemporâneos.

Palavras-chave: Bioética. Ética empresarial. Responsabilidade Social. Organizações.

Abstract

This article is based on bibliographical research and aims to address the issue of bioethics, business ethics and corporate social responsibility in the postmodern world. In this scenario, the desire to build a coherent, fair, clean and stable environment shifts to uncertainty, insecurity, injustice and inflexibility, which occupy increasingly central places in contemporary lifestyles.

Keywords: Bioethics. Business ethics. Social responsibility. Organizations.

Introdução

A indignação da sociedade aos problemas decorrentes das crises (econômica, política, moral, social e ambiental, estampadas nas manchetes diárias dos noticiários) que se abatem sobre a humanidade e causam malefícios a todos os seres vivos, fazem surgir a organização de movimentos que vão tomando forma, se manifestando e

¹ Acadêmica do Curso de Administração da Faculdade de Bauru (FABAU).

² Mestre em Engenharia de Produção/Gestão Ambiental e bacharel em Ciências Humanas pela Fundação Educacional de Bauru/Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FEB/UNESP). É docente do Instituto de Ensino Superior de Bauru (IESB) e da Faculdade de Bauru (FABAU).

exigindo respostas a essas questões. No bojo desses problemas, aparecem os fatos marcados pela corrupção, tramas entre membros da classe política, envolvidos com setores financeiros e empresariais que revelam a falta de respeito e de compromisso com os cidadãos.

Ao lançarmos um olhar para o futuro da humanidade, observamos uma longa lista de preocupações e, talvez, o prenúncio de um fim de ciclo gerando perspectivas de graves problemas pela frente. A isso se soma a possibilidade óbvia de superação de crise, caso o homem retome os valores éticos que norteiam a conduta comportamental humana. Vivemos uma época cujo palco é de mudanças, em todas as áreas, conflitos, crises que obrigam a humanidade a buscar uma nova visão de sociedade, refletindo assim em novas atitudes, ganhando visibilidade a ideia de que precisamos repensar conceitos, como ética, moral e cidadania.

Em razão da perda de credibilidade, a crise revela hoje a sua face mais cruel: governantes com proposta de construir uma ponte para o futuro, calçados em medidas restritivas e de desconstrução de direitos. Realidade irônica para a bioética, nascida do imperativo de Potter (1971) de que o futuro deveria ser baseado em condutas políticas fundamentadas na autonomia, na solidariedade e na responsabilidade para com as gerações atuais e futuras em nosso planeta.

Estamos na contra-mão deste imperativo e dar passos para reverter esse processo passou a ser necessidade. Na introdução de seu livro sobre bioética, Potter (1971, p. 6) afirma:

Se existem duas culturas que parecem incapazes de dialogar – as ciências e humanidades – e se isto se apresenta como uma razão pela qual o futuro se mostra duvidoso, então possivelmente poderíamos construir uma ponte para o futuro, construindo a Bioética como uma ponte entre as duas culturas.

Quando Potter (op. cit.) cunhou o termo bioética, além do conhecimento biológico e preocupações éticas, esperava que fossem incluídos, nesse campo, questões gerais sobre tendências globais, saúde da população, sobrevivência aceitável e o ambiente natural. Mas, agora, no “futuro” (últimas décadas), observamos que estas questões amplas têm recebido pouca atenção no campo que se apropriou do nome “bioética”. As nossas cidades, o estilo de vida, o consumo e a forma de se relacionar

com as coisas e a vida, mudaram drasticamente.

A emergência de questões de natureza ética, no mundo, é constante. São constantes, também, as denúncias dos efeitos negativos da técnica unida com a ciência, alimentando o modelo capitalista explorador de todos os recursos e sua sociedade de consumo infinito, que degrada a vida social e natural.

No momento, estamos em um “interregno” como bem coloca o pensador do declínio da civilização, o polonês Zygmunt Bauman (2016), que significa que a antiga maneira de agir não funciona mais, mas novas maneiras de agir ainda não foram inventadas. Não dá para ter previsão de futuro, pois ele pode tender para qualquer direção.

Em uma sociedade com crise de valores, surgem preocupações para promover o respeito à vida e ao meio ambiente e uma crescente necessidade das empresas melhorarem sua imagem e reputação junto ao cliente. Embora bioética e organização pareçam não ter relação, conflitos éticos (desigualdade, abuso, poluição ambiental, concorrência desleal, corrupção) podem prejudicar a empresa no mercado.

Atualmente, bioética e gestão empresarial são o centro das atenções e trazem consigo responsabilidades e outras expectativas sobre a conduta das empresas. A mudança nos valores sociais, no modo como a sociedade avalia os resultados e uma forte cultura corporativa ética e bioética são estratégias-chave para o desenvolvimento de uma empresa e fator determinante no mundo corporativo, altamente competitivo.

Considerando o contexto descrito, este trabalho pretende fazer algumas incursões reflexivas sobre os descompassos entre os quatro princípios básicos (beneficência, não maleficência, autonomia e justiça) propostos pela comissão denominada “*National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research*”, que escreveu o Relatório de Belmont (*The Belmont Report*) (USA, 1978); a desmontagem acelerada da natureza e da vida humana, no cenário empresarial; um olhar para o passado e a revisão crítica do caminho percorrido pela bioética, após mais de quatro décadas da sua criação.

1 Marcas do mundo moderno

Não há possibilidade de vida social sem que haja observância de princípios éticos. A sociedade, segundo Matos (2011) apoia-se em três pilares éticos: é essencial que ela seja justa, é necessário que seja livre, é vital que seja solidária. Cumprida estas três funções, pode-se dizer que é uma sociedade eticamente comprometida com a dignidade humana.

Antes de se analisar a bioética em qualquer instância, Zuccaro (2007) propõe que é útil descrever algumas características do contexto cultural em que vivemos e com as quais qualquer proposta de reflexão deve se confrontar. Aponta como uma das primeiras, a passagem do sistema aos fragmentos como descreve-se a seguir.

- ✓ Fragmentação: tanto a natureza, como a vida do homem são caracterizadas pelo caos, pela descontinuidade e pela precariedade. O parcelamento e a precariedade fragmentariam o conhecimento;

- ✓ Desorientação: consequência de uma situação fragmentária. O pensamento e a razão tornam-se fracos, desorientam-se sem poder identificar uma meta, são guiados pelo acaso. “Procurar e encontrar” são uma atitude desconhecida do homem pós-moderno;

- ✓ Subjetivismo: tendência para considerar e avaliar as coisas de um ponto de vista meramente pessoal;

- ✓ Exaltação da liberdade: entendida na sua forma negativa, como “ser livre de”. A sociedade assume a figura de “uma multidão de pessoas sozinhas” e cada um está fechado no recinto da própria liberdade individual. Existe um simples viver ao lado, mas não uma real possibilidade de partilhar a existência.

Zuccaro (2007) afirma que a parábola do pós-moderno poderia ser a do homem que, diante da mesa farta, morre de fome porque não sabe escolher. É fato inegável que vivemos sob o signo de uma sociedade tecnocrática. As tecnociências (ligação entre tecnologia e ciências) produzem mutações profundas e radicais nos mais variados setores da vida social contemporânea, além de condicionar a maneira de viver e induzir a previsões que colocam em cheque a própria espécie humana.

As indagações éticas como o que é permitido fazer e o porquê, não encontram respostas seguras e rápidas. Avoluma-se o anseio por uma atenção maior ao que se denomina comportamento ético, anseio que é fruto da vontade generalizada da sociedade atônita com o estado das coisas (corrupção, barbárie, violência) que, nos mais variados âmbitos cotidianos, vêm lesando a dignidade humana e degradando o ambiente natural.

1.1 Valores que predominam na sociedade atual

Passos (2013) observa que na vida em geral, como nas organizações, repousam valores que irão definir as regras de conduta e as ações a serem realizadas. É visível que a sociedade se tornou mais rica, oportunizando uma vida mais confortável para muitas pessoas, maior longevidade, domínio sobre a natureza etc. Tudo parece lógico e racional fazendo-nos conviver com paradoxos como: transformar os interesses particulares em universais; aceitar pacificamente conviver com a pobreza e em condições de trabalho desumanas; depredação do meio ambiente; fomento desenfreado do consumo.

Lidamos com a natureza de forma mecanicista, buscando dominá-la e não estabelecer com ela um diálogo e uma relação de respeito e cumplicidade. Com o pobre, lidamos de forma caritativa ou filantrópica, ao invés de investir em ações que possam reverter em qualidade de vida, justiça social e dignidade humana. A produção baseia-se em um sistema econômico que não tem levado em conta as pessoas e não se orienta por valores morais, de respeito, dignidade e justiça social.

Nota-se, portanto, um descompasso entre o aumento dos recursos, o avanço da técnica e os benefícios proporcionados ao ser humano. Os benefícios produzidos não são revertidos para a população e os problemas sociais são denunciados como de responsabilidade dos governantes. O desejo de construir um mundo estável, seguro e coerente, justo ou que pudéssemos ter controle, deslocam-se para a incerteza, a insegurança e a inflexibilidade, que ocupam lugares cada vez mais centrais no modo de vida contemporâneo.

2 Bioética: sentido e paradoxos contemporâneos

A luta pela imposição “aos outros” de um *ethos* único, o “nosso”, anda na contramão da história e leva a um impasse suscetível de desencadear conflitos violentos. Entre os turbilhões provocados pelo confronto entre globalização homogeneizante e resistências culturais, Leupargneur (1996) situa a bioética. Atribui a ela um lugar virtual, mas disciplinado, do encontro das dificuldades emergentes no tocante às modalidades modernas da vida humana. Por isso, é uma encruzilhada, cujo conteúdo varia com o tempo.

A evolução do conceito de bioética sofre certo impacto de diferenciação de época para época, de região para região; nem mesmo a ampla literatura existente deixa claro o seu conceito. Expressa, geralmente, a opinião fundamentada dos autores sobre a ética que trata particularmente da vida humana; uma visão clara e consensual do que é bioética pode facilitar e permitir a convivência pacífica, necessária em nosso mundo.

Para Zuben (2006), a bioética é um saber marcado pelo imperativo comunitário, relacional, alternativo e comprometido com a vida. Ela vem se impondo como fenômeno cultural que está se redesenhando nessas mais de quatro décadas de história. Gerada num cenário de ambiguidades e paradoxos, vem tentando retificar os traços de imprecisão que a acompanham, em sua trajetória.

Do termo bioética (do grego “bios”, vida, e “ethos”, ética), “bios” representa o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos, e “ethos” representa o conhecimento dos valores humanos. Potter (1971) explanou seu interesse nos conflitos entre ordem e desordem no mundo afetado pelas ciências biológicas e pela tecnologia. Ele questionava o progresso e para onde os avanços materialistas estavam levando a cultura ocidental. Estes questionamentos acabaram se transformando na missão da bioética que foi chamada para conquistar um equilíbrio justo e criterioso entre o progresso da medicina e o respeito à vida humana.

É bastante conhecida a origem da bioética, termo criado pelo pesquisador Potter, no campo oncológico, em sua publicação em 1971. Na obra “*Bioethics: Bridge to the Future*”, emprega o termo tendo como convicção uma visão positiva do progresso

científico e tecnológico e a necessidade de uma reflexão crítica que levasse em conta os valores e o conjunto da sociedade.

Ferrer e Alvarez (2005) complementam que a nova disciplina deveria construir uma ponte entre as duas culturas: das ciências naturais e das ciências humanas. O clima era de preocupação, questionamento e revolta, motivados por abusos relacionados com investigações científicas (experimentação médica com seres humanos), no campo da medicina e das ciências biomédicas.

Os valores éticos não podem ser separados dos fatos biológicos. A bioética de Potter (op. cit.) propõe-se a identificar e promover mudanças positivas para sustentar e fazer prosperar o mundo civilizado (bioética ecológica), incluindo preocupações éticas voltada ao respeito, dignidade humana, respeito aos animais e meio ambiente. Os avanços científicos não somente proporcionaram benefícios, mas trouxeram conflitos éticos significativos e, em razão disso, surgiu o interesse pela ética normativa (identificação de princípios éticos), leis e diretrizes para proteção dos sujeitos humanos, orientação da pesquisa científica e nas ciências do comportamento.

Num cenário caracterizado por uma sociedade tomada por crescente ceticismo, as conquistas com as quais o homem se viu com o potencial de “transformar o curso de sua evolução”, desencadearam entusiasmos, inquietações e problemas morais. Hoje, temos consciência da diversidade dos sentimentos morais, das crenças religiosas e dos interesses antagônicos que se relacionam com estas questões.

Estamos em plena era da simbiose crescente, entre o homem e os elementos cibernéticos, como bem coloca Zuben (2006). Está cada vez mais difícil viver na sociedade capitalista. O capitalismo prega lucro; para obter lucro é necessário ultrapassar limites, ser e se fazer melhor. De um lado, a sensação de potência e, de outro, a percepção e a fragilidade geradoras de incertezas. É uma sociedade que não pode ser comparada com as que a precederam; disso, resulta a necessidade de um conjunto de premissas e uma renovação do modelo bioético.

O Relatório de Belmont (USA, 1978) propôs quatro princípios básicos que foram reconhecidos e se encaixam nos ventos de mudança e desenvolvimento da disciplina em direção ao futuro, em uma época que torna evidente a necessidade de renovação em nossa capacidade de juízo crítico, em todos os aspectos. São eles:

beneficência, não maleficência, autonomia e justiça.

A bioética está envolvida em todo processo de vida do ser humano, o que faz com que seja primordial, tanto na vida pessoal, como profissional. Há necessidade de mudança de atitude urgente; não há mais tempo para ser gasto procurando culpados; também não dá para desconhecer a responsabilidade de todos, em especial de quem tem mais recursos e poder, como as empresas. Os descompassos devem ser corrigidos e equacionados; harmonizar a prática comercial lucrativa com o agir moralmente bom, tem ocasionado dificuldades aos homens de todas as épocas.

3 Ética no contexto corporativo

O efeito do respeito às regras para o desenvolvimento dos países e questões como "o que é certo" ou "o que é justo" deveriam, necessariamente, permear o dia a dia de economistas e profissionais da administração pública. Afinal, são eles que propõem e implementam programas que influenciam "para o bem" ou "para o mal" a vida da sociedade. (SILVA, 2007, p. 11)

Não há vida autêntica sem ética. Da Antiguidade à Modernidade, existiram várias correntes de ética e seu significado, a cada corrente e período de tempo, corresponde a uma determinada concepção de homem e, portanto, a princípios morais e éticos diversos. A ética, enquanto uma reflexão científica e filosófica estuda os costumes e normas de comportamento.

O tema da ética nos negócios tem se tornado algo presente no universo corporativo nas últimas décadas e são inúmeras as razões para o surgimento de organizações preocupadas em promover a ética no ambiente empresarial. Entre elas, os altos custos de escândalos financeiros, envolvendo empresas conceituadas, comprovam que a falta de ética e de transparência na gestão representam um buraco negro para as organizações e acarretam perda de confiança, multas elevadas, desmotivação dos empregados, entre outros.

Os fenômenos da globalização, das inovações tecnológicas e outras dimensões complexas, assumidas pelos negócios, apresentam-se como desafios aos empresários, já que alteram comportamentos, e também servem como um novo paradigma na busca de melhor entendimento do novo cenário empresarial. Segundo Kunsch (1999, p. 74), é

exatamente no âmbito desses cenários mutantes e complexos que as organizações operam, lutam para se manter, para cumprir sua missão e visão e para cultivar seus valores.

A consciência ética contemporânea mostra-se elástica e ajustada às circunstâncias e interesses egoísticos. Sem escrúpulos e com facilidades, muitas empresas se apoiam em fraudes, para manter um crescimento artificial. O atual ambiente corporativo indica dois pontos extremos: aumento da produtividade (em função das novas tecnologias que levam as empresas a inovar, buscando a competitividade) e aumento das desigualdades sociais, que obrigam a repensar o sistema econômico, social e ambiental.

Assim, ao se falar em ética, deve-se ter claro a que tipo de ética estamos nos referindo: à verdadeira ética ou à ética da dissimulação, das distorções e caricaturada? Dentre as definições encontradas, observamos que ética não é uma técnica, um código, nem treinamento específico. No cenário empresarial, ética, conforme Matos (2011), pressupõe cultura, liderança e estratégia, que devem corporificar-se em modelos de gestão.

Para analisarmos a ética no universo corporativo, precisamos compreender, inicialmente, sua dimensão nas empresas. Nash (1993) conceitua ética dos negócios como o estudo da forma pela qual normas morais pessoais se aplicam às atividades e aos objetivos. A ética nas organizações não se caracteriza como valores abstratos, nem alheios aos que vigoram na sociedade; ao contrário, as pessoas que constituem as empresas, sendo sujeitos históricos e sociais, levam para elas crenças e princípios que aprenderam enquanto membros da sociedade.

Ética nas organizações significa a forma de ser e o modo de agir, não de maneira mecânica, mas como fruto de reflexão, em consonância com a cultura e a filosofia da organização. O mundo organizacional, na maioria das vezes, é permeado por conflitos entre interesses individuais e entre estes e o da própria organização; portanto, a ética servirá para regular estas relações e garantir sua integridade. Os valores que regulam as relações e comportamentos dentro da organização são históricos e se alteram com as mudanças sociais. Ser ético hoje, mais do que antes, não é uma opção para as pessoas e organizações; é questão de sobrevivência.

Porém, há traços culturais na realidade organizacional (autoritarismo, paternalismo, consumismo, individualismo) que exigem revisão para preservar a ética e a imagem institucional. As organizações precisam estar atentas com suas responsabilidades, não só econômicas, mas preocupadas também em estabelecer padrões de ética, morais e sociais em suas atividades. A ética está na essência da cultura corporativa e o comportamento ético representa um valor da sociedade moderna; no entanto, existem falhas no comportamento ético dos indivíduos, das organizações e das sociedades. Trabalhar a cultura da organização é fundamental para que as pessoas se convertam autenticamente.

Atualmente, mesmo que algumas empresas tenham interesse pela ética, há uma forte tensão entre a busca do lucro e a possibilidade de agir com ética. Enquanto isso, os problemas morais se avolumam no contexto cultural, o que faz com que atitudes antiéticas sejam vistas como naturais; como exemplo, a cultura de “levar vantagem” que faz com que a desonestidade e exploração prevaleçam e estimulem as empresas a negligenciarem na qualidade do serviço ou do produto.

Comportamentos classificados como antiético fazem com que as pessoas percam a consciência de sua dimensão humana, criam um ambiente onde não há respeito, confiança e solidariedade; o custo pode ir muito além das penalidades legais. As organizações vêm pagando um preço alto pelo descaso com as questões éticas, o que tem feito com que muitas delas considerem a ética no mesmo patamar das questões técnicas.

Indicado como melhor caminho, através de estudos e pesquisas, o comportamento ético e a integridade são fontes de sucesso para as organizações, lhe atribuindo maior confiabilidade e comprometimento por parte de seus *stakeholders*. A ética vem se impondo como instrumento importante no mundo organizacional, enquanto orientadora das decisões.

Para isso, é necessária a análise de uma nova base conceitual, segundo Passos (2013), uma ética em que as empresas procurem e alcancem o lucro (para sobreviverem), desde que esse processo seja “virtuoso”: aquele que é capaz de gerar valor e alcançar desenvolvimento social duradouro. Para alcançar este desenvolvimento, as condições econômicas, sociais e ecológicas não devem ser vistas isoladamente e nem

ser lançadas umas contra as outras.

3.1 Perfil e alcance da conduta ética empresarial

Ética pressupõe liberdade, dignidade, responsabilidade, igualdade de oportunidade e direitos humanos. Sem que haja intervenção na cultura organizacional, para reeducar comportamentos inadequados e um modelo de administração renovadora, todo esforço de reestruturação será infrutífero. Matos (2011) afirma que somos contemporâneos do futuro e continuamos a raciocinar com os velhos modelos, com atitudes reativas, centradas no curto prazo.

4 Características organizacionais relacionadas às questões morais

O perfil de uma organização (instituição com objetivos específicos, características administrativas e relações interpessoais) varia de época para época e de local para local, acompanhando o modelo social vigente. Para Passos (2013), enquanto na Inglaterra os modelos de empresa são baseados no paternalismo, o Brasil de hoje mantém um modelo organizacional baseado na competitividade e no individualismo, prevalecendo a vitória a qualquer custo, o que induz ao não cumprimento das questões morais e à exploração.

Dentro da cultura organizacional, existem subculturas divergentes, com estilos diferentes de liderança e do jogo de poder. As organizações são sistemas políticos, perpassados por relações de poder. A “política” aqui entendida como portadora de interesse e orientada por uma ideologia que a faz usar artifício de linguagem e imposição de normas disciplinares que sirvam para vincular e legitimar valores e atitudes que, entre outras coisas, servem para ocultar conflitos ao invés de possibilitar sua discussão e explicitação.

Uma organização não deve perder de vista que a articulação entre a consciência ética e a produtividade necessita de uma base moral. Embora o mercado contemporâneo, na maioria das vezes, seja acionado por interesses individualistas, as relações devem ser embasadas em valores como: honestidade, confiança, credibilidade e

altruísmo, visando sempre ao desenvolvimento e à preservação da qualidade de vida. É preciso orientar as relações profissionais nas organizações, através de princípios morais, a fim de colocá-los a serviço do bem comum. Para isso, as empresas precisam apresentar, com clareza, as regras básicas de conduta, para que os líderes (responsáveis por decisões problemáticas) tomem consciência que intuição e bom senso não bastam; é necessária também uma preparação adequada, atualizada e objetiva.

4.1 Desafios morais da empresa

Depois dos muitos desastres da ganância e corrupção que marcaram o desempenho das empresas nas últimas décadas, fica claro que o clima ético precisa melhorar e é difícil detectar o que provocará esta mudança. Nenhuma abordagem sistêmica para a ética empresarial pode ser bem sucedida sem a visão pessoal e liderança dos criadores e vítimas do sistema empresarial. São muitas as razões para a promoção da ética no pensamento empresarial. Os administradores percebem os altos custos impostos pelos escândalos nas empresas. Os desafios exigem uma abordagem mais sofisticada dos dilemas éticos.

Segundo Nash (1993), a integridade nos negócios exige, atualmente, capacidades integrativas: o poder de manter, juntos, valores importantes e quase sempre conflitantes. Outros valores como honestidade, justiça, respeito pelo outro, compreendidos pela conduta ética e conhecidos pelos administradores, foram, com frequência, sofrendo uma desintegração no mercado.

O custo e o alcance da conduta antiética pode ir muito além das penalidades legais; notícias desfavoráveis na imprensa geram prejuízo nas relações com os clientes e têm consequências mais graves, dilacerando o espírito organizacional. A ética empresarial tem uma importância crescente no mundo do trabalho e as empresas precisam investir em programas de incentivos a mudança de comportamento, estimulando a conduta ética.

Para introduzir este processo, a empresa deve, conforme Passos (2013), rever a relação que estabeleceu entre meios e fins, colocando o ser humano como o centro de tudo; estabelecer novas relações entre os bens públicos e privados, assumindo que é seu

dever participar da construção de uma sociedade com mais equidade; usar a ética como um recurso para garantir trocas justas, para fazer a integração das pessoas, garantindo uma harmoniosa convivência com a diferença. Além disso, para realizar seus propósitos, a empresa precisa da cooperação de seus *stakeholders*, de liberdade de ação, de solidariedade e cuidado com o meio ambiente. A atitude ética na empresa não pressupõe abrir mão do lucro, mas optar pelo ético e virtuoso.

5 O desafio da sociedade atual

O grande desafio da sociedade atual (em todas as suas instâncias) é buscar, de forma democrática, trazer a cidadania para a construção de um mundo menos desigual e mais justo. A bioética, como instrumento desse processo, é um marco referencial no direcionamento desta transformação tão almejada. É notadamente claro que Potter (1971) sinalizou há 46 anos atrás a importância dos princípios mais recentemente apontados por Matos (2013), que se referem à justiça, à liberdade e à solidariedade, com a criação da bioética, que proporciona mudanças positivas, incluindo preocupações éticas voltadas à dignidade humana, ao respeito aos animais e ao meio ambiente.

Como tornar a ética natural e essencial ao convívio e à continuidade das corporações, tem sido o grande desafio da sociedade contemporânea, pois a ética, atualmente, se mostra elástica, acomodável a circunstâncias e interesses. Percebe-se que na modernidade líquida, apesar das incansáveis discussões no campo da ética, as perspectivas apontam para o fato de que as pessoas desaprenderam a dialogar e a administrar conflitos, como meio possível para contornar os descompassos do cotidiano.

Para que sejam cumpridas as funções básicas da sociedade, é imprescindível o desenvolvimento da ética na essência da cultura corporativa, pois não há possibilidade de vida social, sem que haja observância dos ditames éticos. É urgente reconceitualizar e promover a ética. Das observações conceituais apresentadas, consideramos mais relevantes as colocações de Matos (2011) de que ser ético implica passar pelo teste de três essencialidades: sentir a necessidade de ser, querer ser e saber ser. É importante a conscientização e pré-disposição; é imprescindível a vontade; mas, pouco se é, sem a sabedoria (capacidade de avaliar, julgar e disposição para agir).

Os escândalos envolvendo empresas prestigiadas e bem-conceituadas refletem o desprezo pelos valores éticos e a falta de transparência nas gestões empresariais. Observa-se, no ambiente corporativo, a vontade das empresas em se comportar de uma maneira capaz de ser eticamente legitimada, como parte essencial de sua política de negócios. Desde a década de 1970, muitos binômios éticos surgiram e, com eles, a ética empresarial e a bioética também acompanharam essas alterações e contribuíram na busca de soluções aos inumeráveis dilemas éticos.

Considerações finais

As organizações apresentam-se como realidades multifacetadas e complexas. A mudança nos valores sociais e no modo como a sociedade, em geral, avalia o resultado das empresas levou à consolidação e concretização do conceito de responsabilidade social empresarial ou corporativa. A preocupação com a participação social, a consciência ambiental e o exercício da cidadania têm provocado um movimento crescente na sociedade, mesmo com toda turbulência que parece não ter precedentes e falar em transformações intensas e sucessivas tem sido a característica do tempo atual.

A responsabilidade social tem sido considerada, pela área da administração, como um tema de relevância crescente na formulação de estratégias empresariais e fator determinante de legitimidade organizacional. Passou a ser vista como um instrumento essencial a ser considerado pelas estratégias, no sentido de atender às demandas sociais dos diversos agentes econômicos, envolvidos em suas atividades.

O dilema da participação social das empresas é um tema abrangente. Dirigentes são cada vez mais cobrados a adotarem uma postura eticamente responsável, embora suas ações tenham sido questionadas, muitas vezes, por desconsiderarem a participação de atores locais nos processos decisórios, na alocação de recursos e na avaliação de resultados.

Observa-se, neste trabalho, que nem sempre a gestão organizacional está em sintonia com as novas exigências impostas. No plano institucional, renovar estratégias se faz necessário, enquanto no pessoal avoluma-se o anseio pela mudança de atitudes, que têm sido a grande ambição dos dirigentes. Uma liderança informada e firmemente

decidida é condição essencial para se atingir os propósitos de transformação organizacional. É parte conhecida na maioria da formação dos administradores, honestidade, respeito pelos outros, confiabilidade (valores compreendidos pela conduta ética). Esses valores não apenas mantêm um convívio sadio entre todos da organização, mas geram confiabilidade e credibilidade para a sociedade.

É notório que o futuro já está acontecendo. A modernidade líquida que retrata a fragilidade das relações interpessoais nas organizações, o desafio de viver em um mundo globalizado e composto por uma sociedade marcada pela diversidade, nos remetem à bioética, como a ciência do bem comum, a busca do renascimento moral e o início de uma nova conscientização.

A bioética e o princípio de responsabilidade são chamados a convergir dentro deste cenário de incertezas, pois os poderes atuais não mais encontram limites, barreiras ou mesmo enfrentamento das estruturas atuais. Sendo assim, é necessário que existam homens conscientes para essa nova realidade. A obrigatoriedade de adoção de um código de conduta não deve constituir-se como uma iniciativa puramente burocrática, mas deve ser investida em conscientização e estratégias de fundamentação cultural, o que verdadeiramente sinalizaria um início de predisposição ética.

O grande desafio do mundo corporativo é adotar a bioética como instrumento do processo de transformação, de trazer a cidadania para a construção de um mundo menos desigual e mais justo, isto é, fazer uso da “ponte”, outrora apontada por Potter (op. cit.). Desenvolver a visão estratégica embasada em valores éticos, lideranças competentes, para uma nova realidade de empresa, é exigência para se manter no mundo atual, extremamente competitivo e permeado de incertezas, que exige ao administrador, o compromisso com o desafio de ser um agente de transformação de uma globalizante modernidade líquida, em constante mudança, em que todos somos atores.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Estamos num estado de interregno**: vivemos na modernidade líquida. Entrevista, para o programa Milênio, 1º de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

FERRER, Jorge Jose; ALVAREZ, Juan Carlos. **Para fundamentar a bioética:** técnicas e paradigmas técnicos na bioética contemporânea. São Paulo: Loyola, 2005.

KUNSCH, Margarida M. K. Gestão integrada da comunicação organizacional e os desafios da sociedade contemporânea. **Revista Comunicação e Sociedade/UMESP**, N° 32, 2º semestre, 1999.

LEUPARGNEUR, Hubert. **Bioética:** novo conceito a caminho. São Paulo: Loyola, 1996.

MATOS, Francisco Gomes. **Ética na gestão empresarial.** São Paulo: Saraiva, 2011.

NASCH, Laura. **Ética nas empresas:** boas intenções à parte. São Paulo: Makron Books, 1993.

PASSOS, Elisete. **Ética nas organizações.** São Paulo: Atlas, 2013

POTTER, Van Rensselaer. **Bioethics:** bridge to the future. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1971.

SILVA, Marcos Fernandes Gonçalves da. **Ética e economia:** impacto na política, no direito e nas organizações. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

USA. **The Belmont Report.** Washington: U.S. Government Printing Office, 1978. Disponível em:

<https://videocast.nih.gov/pdf/ohrp_appendix_belmont_report_vol_2.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016.

ZUBEN, N. A. **Bioética e tecnociências:** a saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru: Edusc, 2006.

ZUCCARO, Cataldo. **Bioética e valores no pós-moderno.** São Paulo: Loyola, 2007.

Recebido em 30/06/2017

Aceito em 10/07/2017